



 **A genealogia enquanto sentido histórico: uma análise do texto *Nietzsche, a genealogia e a história* de Michel Foucault**

*Regiani Cristina Jacinto Ferreira**

Resumo: A partir da análise dos termos *Ursprung*, *Herkunft* e *Entestehung*, apresentados nos escritos de Nietzsche, e da crítica nietzschiana à história tradicional, Foucault encontrará os fundamentos de seu método genealógico. A partir da recusa nietzschiana da análise do termo origem e seu sentido que remete à conceitos metafísicos, tais como, verdade imóvel e essência, Foucault busca um sentido histórico capaz de abarcar a descontinuidade histórica. Este artigo visa analisar, a partir de um estudo do capítulo *Nietzsche, a genealogia e a história* da obra *Microfísica do poder* de Foucault, os sentidos da crítica histórica nietzschiana, isto é, a crítica à antropologia, que levará ao surgimento do sentido histórico da genealogia de Foucault.

Palavras-chave: Nietzsche; *Ursprung*; *Herkunft*; *Entestehung*; Genealogia

Genealogy as a historical sense: an analysis of the text *Nietzsche, Genealogy, History* of Michel Foucault

Abstract: From the analysis of the terms *Ursprung*, *Herkunft* and *Entestehung*, presented in Nietzsche's writings, and Nietzsche's critique of traditional history,

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora efetiva de Filosofia da Secretaria de Educação de Minas Gerais. E-mail: regianicj@hotmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4794589766153934>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5121-7961>.

Foucault will find the foundations of his genealogical method. Based on Nietzsche's refusal to analyze the term origin and its meaning, which refers to metaphysical concepts, such as immovable truth and essence, Foucault seeks a historical meaning capable of encompassing historical discontinuity. This article aims to analyze, from a study of the chapter *Nietzsche, Genealogy, History* of Foucault's work *Microphysics of power*, the meanings of Nietzsche's historical criticism, that is, the criticism of anthropology, which will lead to the emergence of the historical sense of Foucault's genealogy.

Key-words: Nietzsche; *Ursprung*; *Herkunft*; *Entstehung*; Genealogy

Introdução

A crítica histórica de Friedrich Nietzsche que fundamenta a genealogia é marcada por aspectos importantes de sua filosofia, neste sentido, esta pesquisa se inicia com uma breve retomada da filosofia nietzschiana, esta que influenciará a filosofia e o método genealógico de Foucault.

O pensamento de Nietzsche, é marcado pela crítica ao racionalismo e à metafísica criada pelo platonismo, popularizada e difundida pelo cristianismo. Segundo Nietzsche, a metafísica, ao afirmar a verdade e permanência do ser, condenou o vir-a-ser como mundo do engano e do mal. A filosofia platônica, ao buscar o imóvel e eterno, criou um mundo perfeito e imutável, e, ao afirmar a existência de ideias eternas e imóveis no plano suprassensível, condenou o sensível, o mutável, como imperfeito e fonte de erro. O cristianismo, por sua vez, ao pregar a vida eterna, esta que é alcançada após o cumprimento os preceitos da moral cristã, condenou a vida terrena como fonte de pecado. O racionalismo ao conceituar, isto é, ao fixar um sentido para todas as coisas desconsidera a mutabilidade do vir-a-ser em sua busca por uma verdade eterna e imutável.

A realidade, para Nietzsche, é como fluxo, não há o imóvel e o imutável, mas há apenas o vir-a-ser. O que permanece, para Nietzsche, é a mutabilidade que perpassa toda a natureza. Em sua autobiografia, *Ecce*

homo, Nietzsche reconhece a proximidade entre seu pensamento e a filosofia de Heráclito:

Permanece-me uma dúvida com relação a Heráclito, em cuja vizinhança sinto-me mais cálido e bem-disposto do que em qualquer outro lugar. A afirmação do fluir e do destruir, o decisivo numa filosofia dionisíaca, o dizer Sim à oposição e à guerra, o vir-a-ser, com radical rejeição até mesmo da noção de ‘Ser’ - nisto devo reconhecer, em toda circunstância, o que me é mais aparentado entre o que até agora foi pensado. (Nietzsche, 2004, p. 64).

Heráclito e Nietzsche veem o mundo pela ótica do devir. Para eles, o movimento é regulado por uma luta entre forças, no caso de Heráclito a luta dos contrários, e, no caso de Nietzsche essa luta é expressa pela atuação dos princípios artísticos naturais, apolíneo e dionisíaco, em sua obra inaugural, e em seu pensamento tardio é entendida como luta entre as várias forças que buscam prevalecer umas sobre outras, a vontade de potência. Na obra *O nascimento da tragédia*, a vida é impulsionada pelo vir-a-ser, ou ainda, pelo Uno primordial, este que seria o pulsar presente internamente à natureza, manifestado pela luta harmoniosa entre os princípios apolíneo e o dionisíaco. Nas obras da maturidade de seu pensamento, a luta é impulsionada pela vontade de potência. De acordo com Müller-Lauter (1997 p. 74), “a vontade de poder é a multiplicidade das forças em combate umas com as outras”, estas estariam presentes em todos os “entes” como “quanta de poder” organizados hierarquicamente (Müller-Lauter, 1997, p. 105) buscando dominar e expandir seu poder (Ferreira, 2011 p. 204).

Em sua obra *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche apresenta pela primeira vez a ideia de vontade de potência. “Onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de poder; e ainda na vontade do servente, encontrei a vontade de ser senhor” (Nietzsche, 2014 p. 109). Para Nietzsche, a vontade de potência é o elemento propulsor do vir-a-ser. De acordo com Marton, Nietzsche apresenta a vontade de potência como vontade orgânica de todo

ser vivo. Segundo a autora, a vontade de potência se manifesta através de “resistências”, por meio destas ela se exerce e este exercer torna a luta inevitável, de modo que não há interrupção ou mesmo fim para o combate (Marton, 1990 p. 30). A vontade de potência engendra o devir eterno impulsionado pela luta das várias forças que desejam sempre mais potência existentes em todos os seres vivos. Nesta luta por mais potência, há hierarquias, mas estas não são perenes, pois o que permanece é a luta.

Desde os seus primeiros escritos, Nietzsche apresenta uma profunda crítica ao racionalismo socrático-platônico e à moral decorrente do idealismo gerado por esta filosofia. Esta moral que condena o transitório e mutável como fonte de engano, é segundo o autor, aprofundada pelo cristianismo na medida em que este condena o mundo terreno como fonte de pecado e afastamento da vida eterna.

Na obra *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche afirma que com a criação do mundo ideal, a realidade aparente foi despida de sua veracidade e a humanidade, a partir de então, adota valores inversos à vida. Nesta obra, Nietzsche apresenta suas críticas à racionalidade na filosofia e à sua tendência a criar conceitos, uma vez que estes fixam sentidos às coisas retirando delas a vitalidade e mutabilidade, criando assim, uma nova realidade.

Na medida em que se opuseram ao mundo da aparência, ao condená-lo e ao criar realidades transcendentais, o racionalismo e o cristianismo criaram a moral que nega a vida, a moral niilista, na qual os instintos de decadência dominam os instintos de expansão, a saber, os instintos de intensificação da vida. Esta moral, seria a moral contranatural, a moral voltada contra os impulsos da vida e regida por valores metafísicos criados pelo racionalismo socrático-platônico e pelo cristianismo, ao passo que a moral natural, seria regida pelos instintos ou impulsos de vida.

Os escritos de Foucault da década de 1960 apresentam como método a arqueologia, a saber, a pesquisa a partir da análise crítica das concepções clássicas - ou cartesianas - e modernas - cujo início situa o pensamento kantiano - sobre o homem e suas ciências. Esta crítica à antropologia, crítica aos saberes humanistas, é influenciada pela filosofia de Nietzsche.

Foucault, assim como Nietzsche, realiza uma crítica ao racionalismo, este que desconsidera o devir - que no caso de Foucault se refere às rupturas históricas - e ainda gera uma moralização do homem e de seus saberes. Roberto Machado define a arqueologia como análise histórico-filosófica do nascimento das ciências do homem. Segundo o autor, enquanto a epistemologia investiga processos históricos de criação e desenvolvimento de racionalidades específicas, produção de verdades e conceitos, a arqueologia, cujas pesquisas se dão sobre o homem, não estabelece critérios rigorosos de cientificidade, mas realiza uma história filosófica, segundo a qual não há traços de uma história de progresso da razão, ou do conhecimento da verdade, o que torna impossível o projeto epistemológico (Machado, 2005 p. 9).

As concepções clássicas e modernas compreendem o homem como sendo constituído de uma dualidade, a saber, enquanto constituído de mente e corpo. Em sua obra *História da Loucura*, Foucault realiza uma investigação sobre como a loucura passa a ser analisada e entendida como doença mental na modernidade. Segundo Foucault, neste período ocorre a humanização da loucura, a saber, sua compreensão enquanto doença mental, ocorre ainda o tratamento terapêutico da loucura. No período clássico, o louco era preso em manicômios, isto é, excluídos do convívio social, na modernidade ocorre a psicologização, ou humanização da loucura. A partir deste momento, a loucura passa a ser entendida não como desprovimento de razão, mas o médico deve devolver, através do tratamento, a razão ao paciente. Segundo Foucault, a “animalidade escapou à domesticação pelos valores e pelos signos humanos; e se ela agora fascina o homem com sua desordem (...) é ela quem desvenda a raiva obscura, a loucura estéril que reside no coração dos homens.” (Foucault, 1978 p. 25-26). De acordo com Roberto Machado, a análise da loucura em *História da loucura* revela uma semelhança em relação à abordagem do trágico, da sabedoria dionisíaca, em *O nascimento da tragédia* de Nietzsche. A tragédia em Nietzsche revela, ou espelha, a totalidade da vida, ela apresenta o belo, a clareza, a ordem apolínea, racional, mas também revela a loucura, a destruição da identidade

promovida pelo êxtase dionisíaco, este que fora condenado pelo socratismo. A loucura, para Foucault, segundo Machado, “a pesquisa arqueológica de Foucault é a interpretação, ou reinterpretação, da história da racionalização da loucura, a partir de seu confronto vertical, com uma experiência, ou estrutura trágica (...)” (Machado, 2005 p. 26). Segundo o autor, a racionalização da psicologia, deve ser reinterpretada, uma vez que, a análise da loucura como doença mental, oculta de maneira perigosa a experiência trágica que tal racionalização não conseguiu reduzir.

A análise de *Ursprung*, *Herkunft* e *Entstehung*

Foucault encontra os fundamentos para sua a genealogia nos escritos de Nietzsche. No capítulo *Nietzsche, a genealogia e a história* da obra *Microfísica do poder*, Foucault analisa a utilização dos termos *Ursprung*, *Herkunft* e *Entstehung* nas obras *Para genealogia da moral e Humano demasiado humano* de Nietzsche.

De acordo com Foucault, Nietzsche se recusa a investigar a origem (*Ursprung*), uma vez que esta pressupõe a existência de algo que permanece, uma identidade existente em si mesma, uma verdade imóvel e anterior à exterioridade de tudo. Neste sentido, para escapar de ideias metafísicas, o genealogista deve se dedicar à história, uma vez que, através dela se apreende não uma essência, mas que esta foi “construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.” (Foucault, 1979 p. 18). Segundo Foucault, a história não reconhece que no começo das coisas há algo essencial. Ela ainda desconsidera o último postulado da origem que seria o lugar da verdade, esta que tornaria possível um saber que a recobre e que não deixa de desconhecê-la. A verdade, para Foucault, “estaria nesta articulação perdida onde a verdade das coisas se liga a uma verdade do discurso que logo a obscurece, e a perde.” (Foucault, 1979 p. 18, 19). A busca da verdade traz consigo a dispersão milenar de erros, dentre eles a afirmação de que a verdade não pode ser refutada, pois a história a tornou inalterável, uma vez que, inicialmente a verdade foi reservada aos homens

mais sábios, em seguida foi deslocada para o mundo além. Neste sentido, para Foucault, a genealogia não deve se dedicar ao estudo da origem, uma vez que esta revela não uma verdade inalterável, mas uma série de sentidos criados com objetivos específicos. O genealogista, ao contrário do metafísico, deve se debruçar nos acontecimentos da história, nos abalos, nas vitórias, nas derrotas e nas surpresas. A análise genealógica dos acontecimentos da história revela, não uma história linear, ou teleológica, mas rupturas históricas e suas sucessões, revela ainda que estas rupturas e sucessões são constituídas por sentidos dados por determinados sujeitos.

Para Foucault, os termos *Herkunft* e *Entstehung*, habitualmente traduzidos como origem, abordam de uma forma mais precisa o objeto da genealogia. *Herkunft*, ou proveniência, não considera a identidade e a continuidade. A proveniência põe em jogo noções como raça, ou tipo social. Ela não busca encontrar em indivíduos assimilação com outros indivíduos, mas busca descobrir as singularidades, a “análise da proveniência permite dissociar o Eu e fazer pulular nos lugares recantos de sua síntese vazia, mil acontecimentos agora perdidos” (Foucault, 1979 p. 20). A proveniência se dedica ainda à descontinuidade, ela busca

“(...) demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário as inversões completas – os erros, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós; é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente.” (Foucault, 1979 p. 21).

De acordo com Foucault, a proveniência, ao contrário da busca da origem, não se prende à busca metafísica da identidade ou continuidade histórica, mas busca a diferença, os desvios e acidentes de percurso. Neste sentido, a proveniência é para Foucault crítica, isto é, contrariamente à *Ursprung* que busca a origem, a identidade, essência ou continuidade, a proveniência nos mostra um conjunto de falhas, revelando assim sua instabilidade. Segundo Carvalho (2012, p. 235, 236), a *Herkunft* possui

uma perspectiva crítica na medida em que o historiador faz emergir a história da superfície ou “exterioridade acidental”, ou seja, ela não carrega nenhuma essência ou finalidade, mas “resvala um conjunto de falhas, de fissuras, de camadas heterogêneas e heterotópicas que a tornam instável”. Para o autor, a proveniência expressa a superação da “história metafísica” na medida em que considera o corpo como a superfície dos acontecimentos que nele são inscritos e que definem sua subjetividade. A proveniência, segundo Foucault, diz respeito ao corpo, ela está no copo. Os desvios, acidentes de percurso, se inscrevem no sistema nervoso, no humor, no aparelho digestivo, no corpo como um todo.

“O corpo - e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo – é o lugar da *Herkunft*: sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito.” (Foucault, 1979 p. 22.)

Ao contrário da origem (*Ursprung*), que revela um *Eu* substancial, fixo e perene, um *Eu* metafísico, a proveniência revela um *Eu* mergulhado no conjunto de falhas do devir, e enquanto constituinte do devir, este *Eu* revela sua multiplicidade através da mutabilidade. Neste sentido a *Herkunft* apresenta um corpo situado no tempo, marcado pela história e suas rupturas, este corpo é a sede do *Eu*, este corpo constitui a própria mutabilidade, ou subjetividade do *Eu*. As falhas, fissura, descontinuidades históricas marcam a superfície do corpo, marcando assim a subjetividade do *Eu*, esta que seria múltipla, uma vez que é marcada por sentidos construídos historicamente. Neste sentido, podemos afirmar que não há uma essência de um *Eu* puro, mas que a noção de um *Eu* é sintética, isto é, ela é resultado de uma combinação de sentidos postos ao longo da história. Segundo Scarlett Marton (2009 p. 203), a proveniência busca marcas diferenciais, aponta desvios e acidentes de percurso e mostra

heterogeneidades sob o que se imagina sobre si mesmo. A proveniência segundo Foucault, se produz num estado de forças, a saber, não há uma verdade imutável, um ser idêntico a si mesmo, imóvel e imutável, mas há as fissuras e falhas do devir que marcam a história e a superfície do corpo, este que constitui a individualidade.

“O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (Foucault, 1979 p. 22.)

A análise de *Entestehung*, emergência, por sua vez, deve mostrar a maneira como estas forças lutam umas contra as outras, ou ainda, a tentativa das forças de “escapar da degenerescência e recobrar o vigor a partir de seu próprio enfraquecimento.” (Foucault, 1979 p. 23). De acordo com Foucault, a emergência de uma espécie, animal ou humana, e sua solidez, são asseguradas por um longo combate contra condições constantes e desfavoráveis. Por sua vez, a emergência das individualidades surge quando a espécie prevalece, ou seja, quando os perigos externos não ameaçam mais e quando os egoísmos voltados uns contra os outros buscam a dominação. A emergência é o teatro, a cena, em que as forças – fortes e fracas – lutam entre si, segundo Foucault (Foucault, 1979 p. 24), a emergência é o lugar de confronto, um plano onde os adversários estariam em pé de igualdade. Ela é um “não-lugar”, a distância, uma vez que os adversários não se encontram no mesmo lugar, uma “cena de forças” onde os adversários “se distribuem uns frente aos outros, uns acima dos outros; é o espaço que os divide e se abre entre eles, o vazio através do qual eles trocam suas ameaças e palavras.”

A peça representada neste teatro é, segundo Foucault, sempre a mesma, nela se repetem os dominadores e dominados. “Homens dominam

outros homens e é assim que nasce a diferença dos valores; classes dominam classes e é assim que nasce a ideia de liberdade; homens se apoderam de coisas das quais eles têm a necessidade para viver, eles lhes impõem uma duração que elas não têm (...)” (Foucault, 1979 p. 24, 25). De acordo com Foucault, em cada momento da história, a dominação se fixa em um ritual, ela impõe obrigações e direitos, estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e nos corpos, ela é composta de um universo de regras que visa satisfazer a violência. As regras não possuem um conteúdo definido, elas não são finalizadas, servem para servir e podem ser burladas segundo o interesse dos que as possuem. As regras reativam continuamente o jogo da dominação. O desejo de paz não se configura em uma conversão moral, mas é apenas o resultado da regra ou sua perversão. Para Foucault, a humanidade não progride a partir de combates tendo em vista uma reciprocidade universal mas ela instala as violências em um sistema de regras. Aquele que se apodera das regras passa a ser o novo dominador e este é para Foucault o grande jogo da história. As diferentes emergências surgem a partir da conquista, substituição, reposição e deslocamento do conteúdo, ou sentido, das regras. De acordo com Marton (2009 p. 205), os sistemas de regras, como valores morais, conceitos metafísicos, procedimentos lógicos e a linguagem, estão à mercê das forças dos que os apossam e em cada inversão de relação, novos sentidos são postos. Segundo Foucault, interpretar é se apoderar de um sistema de regras, impor uma nova direção, submeter uma nova vontade e novas regras. Na medida em que o sistema de regras ganha a cada nova dominação uma significação de acordo com os interesses do daquele que domina, não se pode falar em uma verdade única, mas em uma interpretação.

O sentido histórico da história tradicional e da história efetiva

Enquanto a origem (*Ursprung*) revela uma realidade idêntica a si mesma e uma finalidade histórica, a emergência (*Entstehung*) revela a

impossibilidade de se chegar a uma finalidade última, uma vez que, ela rejeita a existência de uma realidade idêntica a si, a saber, uma verdade imóvel. Ao iniciar uma busca pela relação entre a genealogia, enquanto pesquisa de *Herkunft* e *Entstehung*, e a história como é habitualmente compreendida, Foucault resgata o entendimento de Nietzsche sobre a genealogia enquanto sentido histórico. A história tradicional, segundo Nietzsche, reintroduz sempre um sentido “supra-histórico”. Este sentido seria dado pela “história dos historiadores”, a saber, a história que se fundamenta na busca pela origem (*Ursprung*). Esta história pretende julgar segundo uma objetividade, supõe uma verdade e alma eternas e uma consciência sempre idêntica a si mesma. Segundo Foucault, se “o sentido histórico se deixa envolver pelo ponto de vista supra histórico, a metafísica pode retomá-lo por sua conta e, fixando-o sob as espécies de uma ciência objetiva, impor-lhe seu próprio ‘egípcianismo’.” (Foucault, 1979 p. 26, 27). Mas, se o sentido histórico não se apoia em nenhum absoluto, ele escapará da metafísica. Para isto, é necessário ter o olhar que dissocia, isto é, um olhar capaz de apagar a unidade, a essência do ser humano que se volta para o passado. A história efetiva, por sua vez, não se apoia em nada fixo ou contínuo, a história é, segundo Foucault efetiva na medida em que ela reintroduz o descontínuo em nosso ser.

Com o objetivo de compreender como ocorre a interpretação do sentido histórico da história tradicional e da história efetiva, Foucault realiza uma análise destes sentidos. A história tradicional, segundo Foucault, é teleológica ou racionalista, ela dissolve um acontecimento singular em uma continuidade, ela compreende o processo histórico como algo contínuo. Ela lança seu olhar ao longínquo, à origem (*Ursprung*), às verdades metafísicas, às verdades abstratas. Ela nega o corpo e condena o devir, ao passo que a história efetiva lança seu olhar ao que está próximo, ao corpo, seu olhar parte do que está próximo. Uma vez que a história tradicional, retira seus fundamentos da metafísica e do racionalismo, ela possui um sentido “supra-histórico”, isto é, seu olhar parte para o alto, ela busca a verdade eterna e imóvel, a essência das coisas e nega o mutável, o vir-a-ser, o corpo. Por outro lado, a história efetiva entende o acontecimento como uma relação de forças que se inverte, enfraquece, distende. Estas forças não tem uma finalidade, não obedecem a regras, mas elas lutam movidas pelo acaso da luta. A história efetiva é perspectiva, ela analisa de determinado ângulo com o objetivo de apreciar,

dizer sim ou não, enquanto que a história tradicional aniquila o que observa e procura uma lei para submeter os movimentos. Segundo Foucault, o sentido histórico “dá ao saber a possibilidade de fazer, no movimento de seu conhecimento, sua genealogia.” (Foucault, 1979 p. 30). A história tradicional ao iniciar sua busca pela origem (*Ursprung*) interpreta a história e o ser humano como seres que possuem uma identidade, ou essência fixa, isto é, ao partir de um sentido metafísico, ela compreende seu objeto de estudo como um ser que possui fundamentações metafísicas que lhe permitiriam chegar ao conhecimento verdadeiro deste objeto. A história efetiva, por outro lado, ao procurar compreender não o que está distante de si como as ideias metafísicas, mas o que está próximo de si, o corpo inserido e tomado pelo vir-a-ser, possui um sentido que dissocia, separa a unidade dos seres sustentada pela tradição. Ela possui suas fundamentações na emergência (*Entstehung*) e na proveniência (*Herkunft*). Neste sentido, a história efetiva compreende o mundo, a história, o ser humano enquanto seres atravessados pelo vir-a-ser, ou seja, pela luta de forças cujos sentidos são determinados a cada nova inversão de relação por aquele que interpreta, ou seja, por aquele que dá sentido e se apropria dos sistemas de regras. Segundo Carvalho, “Foucault situou a descontinuidade como marca indelével da história, procurou aprofundá-la na genealogia, identificando-a na busca de uma história ‘efetiva’ – à luz de Nietzsche (...)” (Carvalho, 2012 p. 242).

Considerações finais

Foucault encontra na filosofia de Nietzsche, em sua crítica à história tradicional, isto é, a história com sentido supra-histórico e em sua busca pela origem, a base para a construção de sua genealogia. Esta genealogia, marcada pela análise dos sentidos nietzschianos de proveniência (*Herkunft*) e emergência (*Entstehung*), busca um sentido histórico efetivo, isto é, um sentido histórico voltado para a análise da descontinuidade histórica.

A crítica à história tradicional nietzschiana, é pautada no próprio método da pesquisa histórica, esta que ancorada na busca pela origem

(*Ursprung*), isto é, fundamentada no racionalismo e na metafísica, busca conhecer a verdade imóvel dos fatos, a essência destes. A pesquisa histórica tradicional ignora a luta das forças que movem as fissuras e descontinuidades da história. O sentido supra-histórico e sua busca pela origem desconsidera que o sistema de regras, que produz os deslocamentos e mudanças da luta das forças, surge a partir da vontade ou necessidade daquele que detém a posse da força. Assim, a história tradicional, ao afirmar um sentido imóvel e metafísico para a história, afirma que seu movimento, ou desdobramento, é contínuo, ignorando assim a descontinuidade histórica gerada pela luta entre as forças. Além disso, ela desconhece que o sistema de regra das forças não possui um sentido originário, uma vez que este se dá pelo interesse e utilidade daquele que se apossa das forças. Esta crítica histórica se torna o fundamento do método genealógico de Foucault. Para Foucault o historiador é como um demagogo, “assim como o demagogo deve invocar a verdade, a lei das essências e a necessidade eterna, o historiador deve invocar a objetividade, a exatidão dos fatos, o passado inamovível.” (Foucault, 1979 p. 31). Para Foucault, enquanto o demagogo invoca a verdade para estabelecer a soberania da ideia intemporal, o historiador aniquila sua individualidade para que outros tomem a palavra, a saber, ele aniquila sua vontade individual, suas preferências, suas perspectivas, para mostrar a lei de uma verdade superior. A objetividade do historiador é, para Foucault, “a intervenção das relações do querer no saber e é ao mesmo tempo a crença necessária na Providência, nas causas finais, e na teologia.” (Foucault, 1979 p. 31). De acordo como Foucault, esta genealogia da história pode se tornar análise genealógica na medida em que a busca pela origem passa a ser suprimida pela análise da luta das forças, isto é, na medida em que se reconhece a descontinuidade histórica. Isso é possível na medida em que se torna “mestre da história para fazer dela um uso genealógico, isto é, um uso rigorosamente antiplatônico. É então que o sentido histórico libertar-se-á da história supra-histórica.” (Foucault, 1979 p. 31).

Segundo Foucault, o genealogista, o bom historiador, deve reconhecer as cenas em que as forças atuam constantemente, a fragilidade da ideia de identidade e reconhecer as distintas multiplicidades que constituem esta identidade que é mutável, ele deve “fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam.” (Foucault, 1979 p. 35). O

genealogista, segundo Foucault, deve questionar a máscara de neutralidade, da consciência histórica e reconhecer que esta tem como finalidade a dominação dos homens, esta que se dá através dos sentidos criados em cada ruptura histórica, pelos homens que se apropriam do sentido das forças dominantes.

Referências

- CARVALHO, Alexandre Filordi de. Foucault atualizador da genealogia nietzschiana. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 221-249, mar. 2012.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- MARTON, Scarlett. *Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. 3ª ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacoia Jr. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. 6ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. 6ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Trad. Antônio Carlos Braga. 5ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

Data de registro: 07/12/2022

Data de aceite: 24/11/2023